

Jelson Oliveira
Marcella Lopes Guimarães

Diálogo sobre a alegria

Entre a filosofia e a história

Prefácios de Renan Frighetto e
Wilson A. Frezzatti Jr.

i d s m i
c é o c a
f e a i
Colecção
Café com ideias


PUCPRESS

Participação especial
de Ana Paula Peters

Jelson Oliveira
Marcella Lopes Guimarães

DIÁLOGO SOBRE A ALEGRIA

Entre a filosofia e a história

Coleção Café com ideias, 2

Prefácios de Renan Frighetto e Wilson A. Frezzatti Jr.
Participação especial de Ana Paula Peters


PUCPRESS

Curitiba
2016

Sumário

	A ALEGRIA DO DIÁLOGO	7
	Renan Frighetto	
	UM CONVITE À ALEGRIA	11
	Wilson A. Frezzatti Jr.	
	INTRODUÇÃO	15
	Somos sobreviventes	15
	Tempo de alegria	19
1	PENSAR	24
	Por um pensamento festivo	27
	A alegria se revelará quando eu lhe pedir... ..	49
2	BEBER	68
	Filosofia embriagada	71
	Remédio para o coração	87
3	COMER	108
	A gastronomia da alegria	111
	Comer com os olhos	121
4	CONVERSAR	138
	A linguagem da alegria	141
	O gosto da conversa	155
5	CANTAR	174
	A música da vida	177

	Tem gato dormindo no fogão	194
	Sobre a letra e a voz	209
6	DANÇAR	226
	Dançar sobre as próprias cadeias	229
	A dança como transporte	243
7	RIR	262
	A santidade do riso	265
	É possível rir de tudo?	286
	CONCLUSÃO	303
	Geografia surpreendente	303
	O País da Alegria	307
	REFERÊNCIAS	311

A ALEGRIA DO DIÁLOGO

Diálogo, eis uma palavra que merece todo o nosso cuidado e atenção. Parece simples, clara e objetiva, pois como nos indicou há muito tempo um dos mais eloquentes pensadores da antiguidade helenística, Virgílio, na sua extraordinária *Eneida*, "muitas coisas dialogavam entre eles"¹, fazendo com que Isidoro de Sevilha, um dos gigantes do pensamento da antiguidade tardia asseverasse que "diálogo é a ação de falar entre duas ou mais pessoas, denominado como 'conversaço' entre os latinos"². Portanto, a palavra latina *dialogus* tem sua origem etimológica vinculada ao grego *διαλογισ*, que significa "discurso baseado na razão" e sobre o qual Platão estabeleceu as bases do método da arte do diálogo, a *Dialética*. Ora, nesse caso o *diálogo* estabelece-se entre pessoas motivadas a alcançarem e divulgarem algo que lhes pertence e que a partir daquele momento de troca e de encontro ganha uma dimensão coletiva, universal, como a conquista da Ásia por Alexandre ou a vitória sobre o gigante Adamastor declamada por Camões nos *Lusíadas*. Sim, porque o *diálogo* transforma o individual e o universaliza, remove as amarras da barbárie tornando-nos verdadeiramente portadores da *Humanitas*, da *Pai-deia*, do conhecimento mais enlevado. O *diálogo* nos humaniza e torna-nos melhores humanos. Então, por que muitos o abandonaram exatamente numa época em que podemos nos comunicar tão rapidamente? Talvez porque os verbos "comunicar" e "dialogar" tenham sofrido mutações em seus significados, passaram de sinônimos a antônimos, pois "comunicar" passou a ser uma

¹ Virg., *Aen.*, VI, 160: *...multa inter sese uario sermone serebant...*

² Isid., *Etym.*, VI, 8, 2: *...Dialogus est conlatio duorum vel plurimorum, quem Latini sermonem dicunt...*

ação de via única, enquanto "dialogar" revela a opinião e a capacidade de cessão às ideias de outros que fazem com que aquele que opina reflita, pense e acabe incorporando e aceitando aquilo que *a priori* havia, simplesmente, deixado de lado. De fato, o *diálogo* é belo e todos os que dele partilham tornam-se belos, como Marcella e Jelson, que se dispõem a universalizar suas ideias e pensamentos brilhantes exatamente numa época difícil, seja no Brasil, seja no mundo, "de ferro corroído", como nos disse Dion Cassio sobre o final do século II d.C. Ambos, Marcella e Jelson, nos dão esperanças e enviam a mensagem de que "dialogar é preciso", pois a conversação motiva o encontro e gera novos encontros, novas ideias, novos conhecimentos.

Começaram com o *Diálogo sobre o tempo*, uma incursão sobre qual seria a dimensão oferecida pela historiadora, pelo filósofo, pelos literatos, em relação a algo que é caro para todos nós, o tempo – o passado, o presente e o futuro. Como indicado naquele escrito, "...o tempo, ele dá sentido a essa realização – entre a Filosofia e a História: entre nós, Jelson e Marcella, dois intelectuais em *disputatio*..."³, num *diálogo* que nos trouxe à mesma mesa a filosofia contemporânea e a história medieval, Camões, Agostinho de Hipona, Platão, Charles d'Orléans, Barthes e Braudel. Dinâmica pura, cinética, que gerou um novo *diálogo* para além do tempo, pois a *alegria* – ao lado de sua irmã gêmea, a tristeza – é, por certo, atemporal. Mas, como podemos defini-la e sobre ela *dialogarmos*?

Uma vez mais, utilizamo-nos do pensamento do bispo de Sevilha para partirmos rumo ao *diálogo sobre a alegria* (nota-se aqui que somos tremendamente isidorianos, influência de nossa convivência histórica e historiográfica). Segundo o hispalense, há uma clara diferença entre a alegria e o regozijo: "...

³ OLIVEIRA, J.; GUIMARÃES, M. L. *Diálogo sobre o tempo*. Entre a Filosofia e a História. Curitiba: PUCPress, 2015. p. 234.

Alegria é o gozo interior, por outro lado o regozijo se manifesta de forma verbal e corporal. Ainda assim podemos distinguir o regozijo do júbilo; com efeito, quando as palavras bastam para manifestar o júbilo, e a língua é capaz de expressar o gozo interior, isso é o regozijo. Por outro lado, quando alguém não pode expressar com palavras o gozo que lhe embarga, mas com um grito de alegria, isso é o júbilo"⁴. Analisando esta passagem do *Livro das Diferenças*, de Isidoro de Sevilha (nomeado como "Santo Patrono da internet" pelo Papa João Paulo II), reparamos que ao lado da *alegria* surgem termos sinônimos bastante eloquentes, como o *regozijo* e o *júbilo* que evocam um espírito festivo, numa linha muito próxima do pensamento de Nietzsche e, também, naquela "fresta" apontada por Goethe. Por outro lado, podemos dizer que a *alegria*, seguindo a lógica isidoriana, fazia parte de uma ação inerente ao indivíduo e que faz parte da própria história coletiva. Recordamos, seguindo o *diálogo* proposto por Jelson e Marcella, que tanto no Antigo como no Novo Testamento, ou na poesia épica clássica e nas cantigas medievais, a *alegria* está presente sendo motivadora da convivência fraterna movida pelo beber, pelo dançar, pelas guloseimas que acabam incentivando a troca de ideias, a conversa que gera novas amizades e novas descobertas.

Logo, apesar das dificuldades diárias, dos problemas políticos, econômicos e sociais que vivemos tanto dentro como fora de nossas fronteiras, da negação ao acolhimento e o fechamento dos espaços de trocas e convivências – o regresso da ideia dos "muros" que revelam a pequenez humana e a falta do *diálogo* que tanto defendemos – a mensagem que nos passam Jelson e

⁴ *Isid., De Diff., I, 97:...Laetitia est mentis gaudium, exultatio uero uerborum atque membrorum. Rursus exultatio a iubilatione distinguitur; ubi enim uerba sufficiunt laetitiae, et lingua idonea est mentis gaudium explicare, exultatio est. Vbi uero non potest quisque conceptum gaudium uerbis adnuntiare sed ipsa animi diffusi laetitia in uoce quadam exultationis erumpit, iubilatio est.*

Marcella é que por meio da *disputatio* saudável, da *conferência* entre pessoas dispostas a aceitar a diversidade, as contradições e as idiossincrasias inerentes a todo indivíduo, podemos alcançar a *alegria*. Afinal, como nos diz Marcella, "não é possível rir de tudo, mas é sempre possível aprender a dançar", e nessa ação o júbilo pode revelar-se e a *alegria* envolver o nosso espírito. Nessa mesma linha interpretativa, a leitura do *Diálogo sobre a alegria* oferecida por Jelson e Marcella nos estimula a redigir outra *sentença* que formulamos a partir do conhecimento que o texto e as ideias apresentadas por ambos nos proporcionaram: "a *alegria* espiritual revela-se nas boas ações praticadas pelo indivíduo em prol da coletividade", pois o individualismo leva-nos ao isolamento que é gerador da fraqueza social e política que vivenciamos. Enfim, é a partir do *diálogo* que podemos alcançar a *alegria* de viver, autêntica estimuladora dos encontros que favorecerão, hoje e no futuro, reflexões mais justas em prol de uma sociedade fraterna e ciente das suas responsabilidades, que deve estar voltada ao benefício de todos, visando o bem comum, a concórdia, o consenso, a interação e a integração.

Que todos os leitores usufruam dessa belíssima obra e que a partir dela possam, também, forjar cada qual a sua *sentença* que revelará o gosto pelo conhecimento, pela troca, pelo *diálogo* que, acima de tudo, ilumina as grandes virtudes humanas, como a amizade e a partilha.

Renan Frighetto
Universidade Federal do Paraná
Departamento de História/NEMED
Bolsista ID CNPq

UM CONVITE À ALEGRIA

Basta uma única pessoa sem alegria para criar permanentemente mau humor e céu cinzento em toda uma casa.

(Nietzsche, *A Gaia Ciência* § 239)

Há uma frase neste instigante livro que, para nós, representa o seu espírito, ou seja, sua disposição: "Não existe filosofia sem amizade e não existe amizade sem conversa". Essa frase está no ensaio "A cultura do vinho" e articula as noções axiais de uma cultura viva e dinâmica: a amizade (em grego, *φιλία, philia*), a sabedoria (*σοφία, sophia*) e o discurso (*λογος, logos*), às quais gostaríamos de acrescentar – este livro nos convida a isso – a alegria (*χαρά, chara*). Alegria, na língua grega, é próxima da graça (*χαρις, charis*) em seu sentido profano. Queremos dizer que a vida vivenciada em sua plenitude tem graça, alegria, que são mais facilmente obtidas por meio da conversa luminosa e demorada entre amigos, na qual ocorre a troca de conhecimento e de experiência. O filósofo alemão Friedrich Nietzsche, nesse mesmo espírito, propõe a *gaya scienza*, a gaia ciência, o alegre saber que se antagoniza com a seriedade e a gravidade – também no sentido de peso – do pretenso conhecimento da verdade, do otimismo teórico, tanto metafísico quanto científico, que acredita que podemos conhecer tudo e com certeza.

Nietzsche lastima a desconfiança contra toda alegria, agravada pelo ritmo acelerado de nossa sociedade que, já na época do filósofo, exige efi-

ciência e produtividade. Produziu-se uma má consciência contra a alegria e contra o ócio que possibilitam o diálogo ou a conversa entre amigos. Porém, lembra-nos Nietzsche, somos criadores, não apenas de obras externas a nós, mas também de nós mesmos. Ser criador de si mesmo, fazer de si mesmo um fenômeno estético: esse deve ser o guia de nossas vivências. O Zaratustra nietzschiano, o poeta dançarino e mestre do eterno retorno, clama para que nunca seja tomado pelo grande cansaço de não mais criar. Ao contrário da gravidade do erudito e do especialista, que de tão pesados são arrastados para as profundezas, precisamos nos alegrar de nossa estupidez para continuarmos nos alegrando com nossa sabedoria, necessitamos da arte enquanto liberdade de pairar acima das coisas com leveza, de dançar, de zombar, com inocência, sem se envergonhar. Não mercadejar com o espírito, mas pensar ao ar livre, movimentando-se, dançando com o corpo, com os conceitos e com os amigos. Nós desconfiamos de quem não sabe rir de si mesmo. Talvez sejam essas as condições que nos possibilitem partilhar de uma amizade, para além de sermos meros interlocutores, mas com certeza são as características de um espírito livre, ou seja, daquele liberto de toda crença, de todo desejo de certeza, daquele que pode, alegremente, "dançar à beira do abismo".

A noção nietzschiana de amizade, segundo o Prof. Jelson Oliveira, em *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*⁵, está amparada em dois pilares: a liberdade do espírito e a partilha da alegria. Essa amizade não se dá por meio de duas individualidades separadas e distintas, o que impediria a partilha da alegria e a construção de experiências. A amizade é "um *interregno*, um 'entre' que caracteriza todas as relações: é o lugar da liberdade plena vivenciada pelo espírito livre como representação do amigo. Como espaço intermediário,

⁵ Cf. OLIVEIRA, J. *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. p. 32-33 e 69.

a amizade preenche de sentido o entrecruzamento daqueles que subsistem apenas enquanto permanece a relação: já que não há um *eu* e um *outro* como espaços puros de uma subjetividade e de um mundo interior, o que há é a *relação* e é nela que se juntam os indivíduos e por ela eles se *tornam o que são*"⁶. Assim, ao invés de se originar no interior dos indivíduos, a amizade surge no espaço intermediário, onde se pode partilhar a alegria da existência.

No aforismo final de *A Gaia Ciência*, Nietzsche utiliza um trecho do coral da *Nona Sinfonia* de Beethoven, baseado no poema "À Alegria" (*An die Freude*), de Friedrich Schiller: "Já houve instante melhor para estar alegre? [...] Quem nos cantará uma canção, uma canção matinal, tão solar, tão leve, tão alada que não afugente os grilos [...] Não! Não esses sons! [aqueles mesmos de sempre, pesados, sem alegria]. Vamos entoar outros, mais agradáveis e plenos de alegria"⁷. Acreditamos que, de forma análoga a esse excerto, este livro foi construído, isto é, como um convite à alegria e à amizade. Foi com essa mesma disposição para compartilhar alegrias e vivências que escrevemos esse prefácio e que convidamos os leitores a mergulhar nesta obra.

Wilson A. Frezzatti Jr.

Programa de pós-graduação em Filosofia
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Toledo
Coordenador GT-Nietzsche da ANPOF

⁶ Idem, p. 47.

⁷ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 287-288.

INTRODUÇÃO

Somos sobreviventes

Marcella Lopes Guimarães

A escrita do *Diálogo sobre o tempo* e a recepção que tivemos à obra trouxe tanto contentamento a mim e ao meu amigo Jelson Oliveira que continuar a conversa sobre e com *alegria* pareceu fácil, até porque todo mundo sabe que na Filosofia dele e na minha História cabem muitos convidados... Promovemos um *symposium* na minha casa para facilitar o que não precisava de muito esforço e assim nasceram os temas desse livro: *pensar, beber, comer, conversar, cantar, dançar e rir*. Acho que no *symposium* só não cantamos e dançamos, porque o resto foi cumprido à risca! O desafio, porém, não demorou a assomar à porta: fazia sentido um livro sobre a alegria quando no auge da festa quase 90 pessoas tinham sido assassinadas em uma casa de shows em Paris? Nem um ano havia se passado, desde que a redação do *Charlie Hebdo* fora atravessada pela violência e pela tragédia... No mesmo ano de 2015, do lançamento festivo do primeiro volume de nossos Diálogos (!), os mesmos agentes desses crimes — indivíduos que se julgam soldados, do *daesh* ou *isis* — ainda fizeram tombar outras 21 pessoas na Líbia e eu teria dificuldades de concluir essa contabilidade... Agora mesmo, nessa noite fria de junho, mães, pais, irmãos, namorados, namoradas, maridos, esposas, filhos, amigos choram as vítimas de Orlando (na Flórida).

O projeto de morte desse grupo me informa todo dia, se resolvo ir aos jornais impressos, portais virtuais ou à televisão, sobre uma violência que se

faz em grupo e individualmente. Outras formas de agrupamento nasceram do enfraquecimento dos Estados, mas isso seria ligar o fenômeno ao substantivo *fraqueza* e creio que, se há sim, um papel que a ineficácia do Estado representa, a diversificação da vida nos lembra que o nascimento de novos grupos, baseados em identificações dinâmicas, não precisa ser de todo ligado à debilidade. Ora, no caso dos grupos terroristas, estamos diante de uma convergência transnacional entre ideias, ineficácia (dos Estados), falta de sentido e de reflexão que evoca o perigo que ameaça insistentemente a vida, ou seja, não pensar. Mas atenção: os Estados também não estão isentos de seus próprios projetos de horror, de não pensamento, travestidos de motivações absurdas ao olhar crítico mais acurado. Enquanto isso, cidadãos "de bem", por sua vez, também imputam culpas sobre vítimas caladas, violentadas ou esquecidas simplesmente, protegidos atrás das telas dos seus computadores de último tipo.

Hannah Arendt viu o mal radical no Totalitarismo e a sua banalidade em Adolf Otto Eichmann (1906-1962), "seduzido pela ideologia", sem ser o mais convicto (BREPOHL, 2013, p. 48), e descobriu que a essência do perigo deste último é não pensar. Mas não pensar é tanto mal de quem perpetra o crime, quanto de quem não mais o enxerga, nisso está também outro fenômeno: a anestesia moral, que se manifesta na "absoluta falta de compaixão para com o sofrimento e a dor do outro" (ADORNO apud BREPOHL, 2013, p. 80-81). A insensibilidade com o sofrimento do outro também é manifestação da banalidade do mal. Então, não se trata de não ser possível ignorar, mas sim de ser necessário reunir todas as formas de dizer.

Alain Touraine já acusou o "discurso interpretativo dominante" e preveniu contra o imobilismo que ele concentra. Em *Diálogo sobre o tempo*, abordei a questão, novamente oportuna aqui. Proponho um desdobramento: o que fazer com os diagnósticos da crise? Minha pergunta ultrapassa a discussão da

necessidade de fazê-los. Obviamente, é preciso saber! Saber é sempre a melhor opção, porque desafia a nossa covardia. Mas avanço: o que vamos fazer com nosso conhecimento?

A História todo dia me ensina que somos sobreviventes. Para mim a História continua sendo a "mestra da vida"? Não. De antemão, não posso afirmar o que pressupõe a questão, porque isso seria vincular a História hoje à especificidade de como era compreendida na Antiguidade e também na Idade Média. Marc Bloch está certo quando prefere o uso que fazemos das palavras às etimologias, mas é preciso lembrar que o uso estabelece um rol de filiações intencionais ou banais (e desde Hannah Arendt não dá para empregar essa palavra inadvertidamente) que revelam nosso ser e estar no mundo. Quando pinçamos palavras de seu contexto específico para usos outros, transferimos uma parte de conhecimento e preenchemos a sombra com nossa opinião. O resultado pode ser um todo repleto de anacronismo... Convido o leitor a pensar no uso que se faz hoje do termo *cruzada*. Ou seja, um fenômeno específico, gerado no Ocidente, com severas impactações no Oriente, e aqui me refiro às oito cruzadas convocadas entre os séculos XI e XIII, acha-se reinvestido de que significado no discurso dos semiletrados, dos integrismos?

Ser sobrevivente me vincula à teimosia da vida. A História me dá esperança, porque me mostra que mulheres e homens lutaram por ideais que, por sua vez, foram ultrapassados; que estavam dispostos a tudo o que... afinal mudou por completo! O estudo da História Medieval me revela, por exemplo, que foi possível fazer a paz, quando tudo lhe parecia contrário; que impérios magníficos foram dilacerados; que cidades que sofreram as maiores pilhagens, três dias depois, ergueram-se com novos nomes e quem as ergueu foi gente. A História põe meus pés no chão, quando o desespero ameaça.

A História me mostra que foi possível fugir à morte contando histórias e dá provas disso! Como assim? Basta abrir o *Decamerão*, de Boccaccio. Lá, vamos ler que, no período mesmo da terrível Peste Negra, um artista concebeu uma saída literária a seu caos. Vamos ler que ele não ignorou os problemas, soube falar do desespero de quem abraçou a vida pia ou desregrada e soube gritar o direito ao amor carnal e, pasmem ou não..., ao riso, à alegria.

Tempo de alegria

Jelson Oliveira

"A *alegria* é a melhor coisa que existe", cantou o poeta, afirmando preferências, sem lamentar desalentos. Quis dizer, assim, na forma daquele *Samba* que é *Bênção*, que a alegria é antídoto do feio e do triste, azeite do *tempo* contra a corrosão dos escuros, uma claridade interior, um arejamento ao redor. Depois do *Diálogo sobre o tempo*, seguindo a cadência do samba, nada mais plausível do que Marcella e eu conversarmos publicamente sobre a *alegria*, esse modo próprio de preencher o tempo que se chama vida. A tarefa, contudo, não foi simples. Já de início, um amigo me soprou a pergunta, incômoda e irônica: "Alegria, agora?" Lembrei do salmista, a quem, à beira dos rios da Babilônia, só restava chorar, quando lhe pediam canções de alegria. Parecia impossível cantar em meio ao cativo das horas tristes. Contando mortos e tragédias, a gente também se perguntou, como ele, sobre a oportunidade do tema. Seria possível falar de alegria depois que o menino Aylan Kurdi, de três anos, morrera numa praia turca em setembro de 2015, expondo ao mundo o drama dos refugiados sírios que tentam entrar na Europa, enquanto esta, apressada, ergue seus novos muros? Por que ainda falar de alegria quando outro menino, Herinaldo Santana, com 11 anos e sessenta centavos de Real no bolso, fora executado num beco do Complexo do Caju, no Rio de Janeiro, por um policial da Unidade Pacificadora, enquanto pronunciava suas últimas palavras, "quero minha mãe" — que frase, na forma de um desejo infantil, seria mais comovente? A mesma maternidade que não chegou a tempo de socorrer o filho, no Rio de Janeiro, chorou a morte de Thiago Damasceno, de 7 anos,

levado pela lama criminosa da barragem da Vale/Samarco. Ele não foi o único. Outros corpos inocentes foram tragados pelos dejetos da mineradora, para sempre insepultos. No extremo do país, nos mesmos dias, no Vale do Javari, oeste do Amazonas, vinte crianças indígenas de até um ano de idade morreram de desnutrição, malária ou hepatite. Como falar de alegria diante disso? Frente a tantos horrores, não deveríamos simplesmente atualizar o sentimento de Adorno: "escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas" (1962, p. 29)? Não estaria a alegria, interdita diante de tantas perversidades da época que é nossa?

Contraditoriamente, a mesma sociedade que fabrica essas tragédias bate recordes cotidianos no comércio das "drogas da alegria", seja na forma de substâncias químicas, seja de consumos, terapias, horóscopos e fantasias tecnológicas de todo tipo. A busca pela alegria é um fenômeno civilizacional transformado em obrigação moral e, como tal, de grande interesse filosófico. Nunca se quis tanto estar alegre. A nossa sociedade estabeleceu o prazer imediato e a satisfação irrestrita como seus objetivos superiores. Somos convencidos a assumir como nosso, um modelo de prazer fático comercializado na forma de apetentes objetos de consumo. Nossos olhos brilham diante das ofertas. Nossos egos desgostosos consigo mesmos se agitam perante a coação publicitária. Perturbados, acreditamos na satisfação prometida, embora nossas experiências já nos tenham provado que tal expectativa é fugaz e seu resultado é mais frustração e tédio. Confundidos, contudo, seguimos o fluxo, aprisionados na alienação da atual dieta socioeconômica de uma falsa alegria, que além de tudo, nos torna imaturos e despreparados para o sofrimento que coagula inevitavelmente a vida, de ponta a ponta.

A ironia da pergunta sobre a oportunidade da alegria, tal como formulada pelo meu amigo naquele passeio no parque, aos poucos se dissipou na convicção de sua urgência. Ao contrário do que parece, ela não tem nada de alienada e nem é fuga da realidade. É mesmo um exercício de enfrentamento, um elixir da ruptura com o *status quo*, uma energia extrusiva que abala o conformismo, o dogmatismo e as outras enfermidades contemporâneas, cuja função é sustentar o mundo que aí está, favorecendo a miséria e a morte desses bilhões, que pagam com a vida, o alto preço do regozijo irresponsável de uns poucos. A alegria é, por isso, uma espécie de zombaria do autoritarismo dos poderes que fabricam essas realidades. Tem nela a ironia resistente dos palhaços e dos humoristas. Uma alternativa de revanche contra o sistema sisudo da exploração, do trabalho forçado, das longas noites de fome e frio. Uma fissura na realidade, uma forma de combate contra o mundo ordenado que cresce apoiado pelos sangues de muitas gentes. Não estamos falando daquela felicidade que frequenta as constituições como obrigação de governos e suas burocracias quase sempre falíveis. A alegria quer mais: ela quer fomentar a experiência vital aos extremos e romper com a lógica das morais violentas e suas ramificações culturais de tirania e ódio. Essa alegria tem bem pouco da simpatia viral do "kkkkk" ou do menos ruidoso "rsrsrs" ou da carinha alegre dos *emoticons*. Não é dose de otimismo. É superação da negatividade de quem anuncia a alternativa única e o conformismo como hipótese. É resgate da vitalidade e da força necessária para mudar as estruturas apodrecidas que fabricam, diariamente, as suas vítimas.

Assumindo a Filosofia como tarefa de pensamento e acolhendo o diagnóstico de que o mal do nosso tempo é a preguiça do pensar, evoco a contundência da tradição filosófica, embora não a sua unanimidade, para falar da

alegria. Junto com a História, a Filosofia pode dizer muito e, quiçá, nos ajudar a falar das coisas que são nossas, na nossa própria linguagem. Ela nos ensina, por exemplo, que *alegria* não é (só) *prazer* (materialidade efêmera) e nem (só) *felicidade* (espiritualidade estável). Uma coisa entre essas duas. Nem a total dependência em relação ao mundo externo, nem a abstração de um ideal que muitas vezes foi confundido com a ascese e supressão do "mundo". Experiência mental e afetiva, a alegria é uma reação sentimental diante de um evento, um fenômeno limitado do ponto de vista da duração (no que ela se aproxima do prazer), mas de tal forma intenso, global e profundo, que envolve todo o nosso ser e muitas vezes ocorre como um afeto cujo estímulo advém de uma simples experiência do mundo, mas que o supera em força, a tal ponto de nos sentirmos plenamente vivos. Difícil de dizer. Será preciso que o leitor recorra às suas próprias recordações. E fazendo-o, há de lembrar, por exemplo, que a alegria chega quando quer, dos motivos mais variados, dos mais simples ou dos mais complexos, como um fenômeno integral, que une corpo e espírito. Há de lembrar dos saltos, dos risos, dos cantos, dos abraços, dos braços erguidos, da pulsação acelerada. E ao lembrar, há de reviver, sentir de novo a alegria como essa *força maior* de vida que nos conforta, contorna, leva adiante.

Há de lembrar, o leitor, afinal, que embora a alegria seja gratuita e voluntária, existem ocasiões nas quais ela pode ser estimulada. E por isso, há de entender por que o fio condutor desse livro é uma investigação sobre as experiências capazes de favorecer a sua manifestação. Experiências nos predis põem, abrem o caminho, liberam o espírito dos seus afazeres burocráticos e o incitam às expedições sensoriais e afetivas das luzes, dos perfumes, dos odores, dos gostos, dos barulhos, dos silêncios, dos beijos, dos abraços e dos toques... Esperamos que, durante a leitura, cada um reencontre as suas próprias experiências e, assim, entre em diálogo conosco. Porque, afinal, essas experiências,

como aprendemos com Spinoza, nos aproximam daquilo que nós somos, da nossa natureza íntima, onde mora a nossa perfeição. E por isso nos alegram, porque nos aperfeiçoam. Em torno de algumas delas estão organizados os capítulos desse *diálogo*, ele mesmo uma experiência de alegria, porque onde está a Marcella, há sempre um riso moldurando horizontes. Veja como eu tenho sorte! Por causa dela o livro, sendo diálogo, é experiência *alegre*. Cada sentença uma euforia. Escrevi como quem dança. Quem lê, oxalá, também festeje.

CONCLUSÃO

Geografia surpreendente
Marcella Lopes Guimarães

Despedir-se do *Diálogo sobre a alegria* tem algo de paradoxal para as ambições desta obra, desde o seu manifesto, o texto de Jelson sobre o "Pensamento festivo". Se a despedida do *Diálogo sobre o tempo* acordou em mim a voz de Romeu e o seu apelo para que o tempo descobrisse um seu contrário e não fosse o que é: movimento, agora a despedida parece o anticlímax ou a negação de toda a ousadia de escolher a alegria, quando parece que a dor corteja mais que o prazer... Em vários momentos desse livro, eu me vi ameaçando o sentido da alegria. O que foi pedir o silêncio para ouvir o fado?

Se a *Filosofia tem sido um pensamento triste*, os fatos históricos instituídos por gerações de pesquisadores estão cheios de motivos para fazer minguar o riso da face. Creio que o que nos salva é que esse livro não foi a tentativa de ignorar a lágrima, mas propor um exercício de pensamento, pautado na alegria: em uma embriaguez lúcida, no *joi* occitano, no baile da Cinderela, na "rodinha de Proust", nos trejeitos de Jerry Lewis e em um Nietzsche que quer nos ensinar a dançar! Nesse sentido, não há nada mais bonito que visualizar essa disciplina com a imagem do *pensamento de cachoeira: sua função é desprezar o horizonte, retirar o limo das pedras, acordar os navegantes para os perigos do rio*. Eu quis tanto ter escrito isso que incorporo esse texto no meu tecido textual e queria que o leitor pensasse que não uso uma metáfora têxtil, mas biológica!

Esse livro não mente aos princípios da coleção, quando resguarda a identidade fundada no nosso repertório diverso. Isso motivou novas contendas entre a Filosofia e a História Medieval... e eu confesso que foi com um sorriso integral que li o meu amigo filósofo anunciar, em uma de nossas margens, que já estava mudando de ideia sobre a pretensa tristeza desse contexto a que tenho me dedicado como pesquisadora e professora. Até o final da coleção, conseguirei levá-lo (e aos nossos leitores) a uma compreensão mais alargada e solar desse contexto, fundador do discurso do amor em vernáculo e das universidades? Foi com um rosto todo sorridente também que eu via a cada capítulo que, embora diferentes, nós nos lembrávamos dos mesmos autores: Billat-Savarin, Charles Baudelaire, Georges Minois... e dos mesmos poemas, como dos poemas sobre o vinho de *As Flores do Mal*! Há um lindo comentário de Jelson sobre nossas percepções diferentes da obra *A Fisiologia do gosto*, que ratifica a importância de nosso diálogo para além de sermos falantes e amigos.

Essa sintonia imprevista (e já explicarei o uso que faço desse adjetivo) reverberou para a experiência humana que esse livro documenta. Um exemplo: o Mosteiro Trapista Nossa Senhora do Novo Mundo (localizado em Campo do Tenente, PR) comparece aqui em comentário de Jelson, no exato momento em que eu e meus alunos visitávamos esse espaço para pesquisar, como historiadores, o que é escolher o deserto e o silêncio no mundo contemporâneo. Quando Jelson escreveu, ele desconhecia meus planos de fazer a visita, ele desconhecia depois que eu já havia ido. Mas *embriagar-se é ultrapassar fronteiras* e, de certa forma, ao descobrir a cada página essas sintonias cheias de graça, eu me sentia ainda mais envolvida pela nossa ousadia.

Sobre o imprevisto, devo revelar que esse diálogo foi diferente do *Diálogo sobre o tempo* em sua metodologia. Sem falar na geografia! Havia um oceano entre nós. Depois do *symposium* em minha casa a que aludi na intro-

dução, Jelson partiu para seu pós-doutorado e foi ser o filósofo na corte do rei Artur! Antes, encontrou tempo para fazer jorrar seu *pensamento de cachoeira*. Nesse caminho, convidamos outra pessoa para o diálogo, a amiga Ana Paula Peters, que conversou conosco a respeito do essencial, sobretudo levando em consideração sua formação como pesquisadora da área de música e como artista. Assim, esse livro foi escrito em dois tempos diferentes: Jelson derramou sobre mim suas palavras, na sua intensidade e de uma vez, e eu, aos poucos, lia e escrevia, em um tempo só meu, solitário e mais vagaroso, nem por isso menos intenso. Um tempo profundo e de correnteza, que eu devolvia ao meu amigo, distante só na geografia. Agora, enquanto escrevo essas coisas, vejo o quanto minhas metáforas encenaram a concepção e a gestação da vida e o quanto nós dois representamos na dinâmica da escrita esses papéis, que não programamos exatamente assim.

Esse livro não repisa a obsessão da festa. Se alguém o leu assim, preciso corrigir o equívoco antes do ponto final. Coisa de professora? Talvez. Esse livro fala de uma embriaguez lúcida, ou seja, de impregnar-se de substância, e de uma dança que liberta, sem coreografia. Põe entre seus capítulos a ideia que nos motiva, a conversa, porque não admitimos o *gato dormindo no fogão*! Ora, além do perigo..., cadê a boa mesa em torno da qual se compartilha a vida? Adorei essa ideia felina que aprendi com Ana Paula!

Uma das coisas sobre as quais não falei nas páginas precedentes, sobre o vinho, é que quando encho uma taça, eu imagino as pessoas que estiveram envolvidas naquela produção. Sim, há inúmeras pessoas envolvidas na confecção da roupa que visto, dos sapatos, dos livros que leio..., mas o vinho, esse líquido que mimetiza o fluxo vital (claro que estou me referindo ao rei dos vinhos, o tinto!) sempre adentra o meu corpo com a consciência de seus participantes. Uma experiência amiga. Meu limite é o gosto, já afirmei. Então, o vinho é a

imagem da alegria lúcida com que queria brindar com o Jelson, que me envolveu nesse novo convite, e com nossos leitores. Não, não é possível rir de tudo, mas é sempre possível aprender a dançar.

Jelson Oliveira
Marcella Lopes Guimarães

DIÁLOGO SOBRE A ALEGRIA

Entre a filosofia e a história

Coleção Café com ideias, 2

Prefácios de Renan Frighetto e Wilson A. Frezzatti Jr.
Participação especial de Ana Paula Peters


PUCPRESS

Curitiba
2016